Plano de Desenvolvimento

O Plano de Desenvolvimento apresentado a seguir foi elaborado para explicitar os objetos de conhecimento e as habilidades a serem trabalhados ao longo dos quatro bimestres do 8o ano do ensino fundamental e propor práticas pedagógicas que contribuam para que os alunos exercitem as habilidades e desenvolvam as competências que lhes possibilitem prosseguir com seus estudos.

Na primeira parte deste material, sugerem-se quatro atividades que podem ser desenvolvidas de forma recorrente ao longo de todos os bimestres e também quatro formas de gestão das aulas. As atividades podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica para diversificar as maneiras de apresentar os conteúdos e promover o exercício da participação e do protagonismo dos alunos. As sugestões para a gestão das aulas, por sua vez, podem contribuir para tornar a prática docente mais assertiva. Além disso, são apresentadas sugestões para acompanhamento constante da aprendizagem e a bibliografia de suporte deste material.

Na sequência, encontram-se organizados bimestralmente os seguintes materiais.

* Propostas de organização do curso: os temas que devem ser estudados são acompanhados dos respectivos objetivos específicos, dos objetos de conhecimento e das habilidades propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos finais do ensino fundamental, além de uma lista de práticas pedagógicas relacionadas ao conteúdo estudado.
* Lista de requisitos para a progressão dos alunos.
* Indicação de materiais complementares: sugestão de livros, artigos, *sites* e filmes relacionados aos temas estudados no bimestre que podem interessar a você e aos alunos.
* Proposta de um Projeto Integrador, que reúne objetos de conhecimento e habilidades de pelo menos dois componentes curriculares, e contribui para o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica contidas na BNCC.

Atividades recorrentes para todos os bimestres

As atividades recorrentes são, basicamente, procedimentos. São técnicas, métodos, habilidades motoras, estratégias cognitivas e rotinas escolares que constituem meios para a aprendizagem. O educador espanhol Cesar Coll define procedimentos como conjuntos de ações que possibilitam a realização de determinadas metas. Isso significa que procedimento é um “saber fazer” que torna a aprendizagem eficiente. Assim, segurar corretamente o lápis, manusear o compasso e a tesoura, usar instrumentos de laboratório, fazer um resumo, construir uma linha do tempo, preparar e apresentar um seminário, elaborar uma pesquisa, ler e interpretar uma imagem, um gráfico, uma tabela ou um texto, entre outras coisas, são procedimentos.

Procedimentos sempre fizeram parte das atividades escolares, mas não estavam explicitamente previstos no currículo. Foi com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na década de 1990, que os documentos do Ministério da Educação começaram a diferenciar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, e a tratá-los como parte do currículo escolar. Desde então, as escolas passaram a ter como preocupação ordenar e sistematizar as ações dos alunos para o desenvolvimento de sua autonomia, instrumentalizando-os para que, ao concluírem o ensino básico, sejam capazes de aprender por conta própria, sem a necessidade da tutela de alguém. Entretanto, para isso, os procedimentos ensinados na escola devem ser incorporados pelos estudantes; devem ser automatizados e mobilizados com desenvoltura sempre que se fizerem úteis para a aprendizagem, o que só acontece se, ao longo da vida escolar, o jovem for solicitado a realizar recorrentemente os procedimentos ensinados. É a repetição do procedimento, em ocasiões variadas, que assegura sua assimilação.

Várias atividades pedagógicas recorrentemente empregadas pelos professores em sala de aula podem ser utilizadas para o desenvolvimento das habilidades e competências propostas na BNCC. Muitas das atividades sugeridas a seguir podem já estar incorporadas ao cotidiano escolar e pedagógico; outras podem servir de inspiração para que se pense em estratégias que possibilitem o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica propostas na BNCC, como a valorização do conhecimento historicamente construído, o exercício da curiosidade intelectual de investigar em bases científicas, a compreensão das manifestações artísticas e culturais, bem como o desenvolvimento da argumentação com base na empatia, no diálogo e na resolução de possíveis conflitos.

Nas páginas que seguem, são propostas quatro atividades a ser aplicadas aos alunos e avaliadas recorrentemente ao longo dos bimestres. Espera-se que, ao final do quarto bimestre, tenham sido incorporadas às práticas dos estudantes, sendo mobilizadas autonomamente por eles sempre que se mostrarem úteis para abreviar o caminho do aprendizado.

Resumo esquemático

A produção de esquemas para estudo é uma ferramenta muito eficaz para a absorção de conteúdo, especialmente quando a sistematização e a síntese se relacionam à leitura de textos. Um bom esquema ajuda a visualizar as informações essenciais e comparar textos com maior facilidade. Assim, vale a pena apresentar aos alunos recursos que possam utilizar para elaborar esquemas. O objetivo fundamental de um resumo esquemático é sintetizar as informações de um texto montando um “esqueleto” com as ideias principais e subordinadas de um texto, de modo que se tenha a visão geral das relações entre elas. A diferença fundamental entre um resumo esquemático e um resumo não esquemático é que este último é mais textual, construído com parágrafos, enquanto o primeiro é mais visual e sintético, elaborado com flechas, colchetes, chaves e outros símbolos que permitam a rápida visualização das ideias.

Também deve ser levado em consideração que existem diferentes formatos de resumos esquemáticos, e cada um se ajusta a um tipo de informação ou conteúdo. Por exemplo:

**Comparação**: comparam-se diferentes aspectos de dois ou mais conceitos ou acontecimentos.

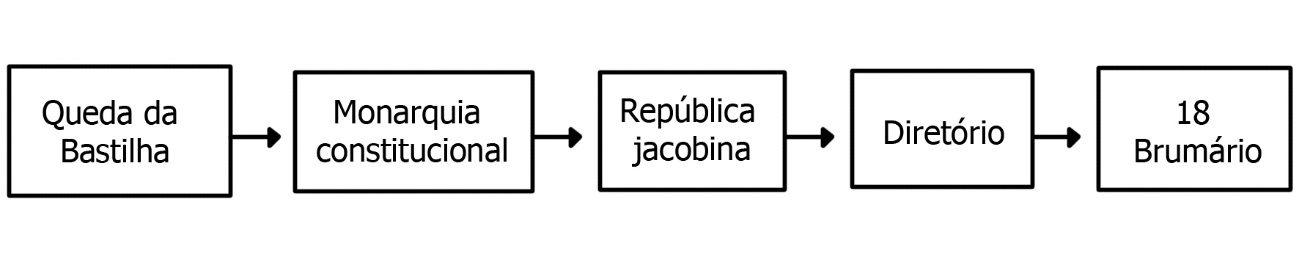
|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | Constituição de 1934 | Constituição de 1988 |
| Forma de governo | República. | República. |
| Chefe de Estado | Presidente. | Presidente. |
| Modelo de voto | Secreto e facultativo para todos os brasileiros maiores de 18 anos à exceção de mulheres sem profissão remunerada, mendigos, analfabetos e padres. | Secreto e obrigatório para todos os brasileiros entre 18 e 70 anos. |

**Relação de causa e efeito**: apresentam-se as causas e os efeitos de determinada situação.

Uma imagem contendo captura de tela

Descrição gerada com muito alta confiança

**Processo**: indicam-se fatos que se sucedem.



Existem outras possibilidades de resumos esquemáticos, como a rede de tópicos, utilizada quando existe um conceito central definido por vários tópicos distintos sem relação de subordinação, causa ou consequência.

Para elaborar resumos esquemáticos, os alunos podem seguir estas etapas.

* **Definir as palavras e/ou ideias principais do texto**. Após a leitura completa do texto, aconselha-se a destacar as palavras-chave, pois serão o ponto de partida do esquema.
* **Organizar o texto em tópicos**. Com base nas palavras-chave, é possível estruturar o texto em tópicos, facilitando o entendimento dos principais conceitos e ideias presentes nele. Com isso, é possível esboçar a organização do resumo esquemático.
* **Escolher a representação gráfica mais adequada para a transmissão do conteúdo**. Cada tipo de resumo esquemático transmite melhor determinada informação. Realizadas a leitura do texto, a definição das palavras-chave e a organização dos tópicos, facilita-se a escolha do tipo de esquema.

Deixe claro para os alunos que é fundamental respeitar a coesão do conteúdo do texto esquematizado e procurar preservar a fluidez da progressão textual e da estruturação dos parágrafos, pois somente assim o esquema se manterá fiel às ideias propostas pelo autor.

É evidente que a produção de cada esquema depende da finalidade para a qual ele está sendo produzido. Caso os alunos tenham dificuldade em reconhecê-la, destaque os aspectos aos quais gostaria que dedicassem maior atenção, fazendo com que percebam que a leitura e a produção do resumo esquemático devem ter em vista o objetivo (obtenção de informações, enriquecimento do repertório, comparação de ideias e/ou argumentos, entre outros).

A elaboração de resumos esquemáticos auxilia os alunos no desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 1**, **no 4** e **no 7**, das **Competências Específicas das Ciências Humanas no 5** e **no 6** e das **Competências Específicas de História no 1** e **no 4**.

Organização de um debate

Organizar um debate é uma das formas de tratar de questões importantes do curso e, ao mesmo tempo, promover o protagonismo e o envolvimento dos alunos, atendendo à BNCC. Porém, cabe lembrar que não se trata de organizar um embate que envolva diferenças ideológicas, e sim de abrir espaço para uma discussão a respeito de problemas previamente apresentados.

A experiência do debate é uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, que aprendem a organizar argumentações com base em fatos, a refletir com criticidade sobre uma exposição, a praticar a interlocução e a exercitar o raciocínio lógico. Também ajuda no aprimoramento de competências socioemocionais, como o autocontrole, a resolução de conflitos, a empatia e a abertura ao diálogo.

Durante um debate, uma opção é atribuir a um grupo a função de avaliar as proposições apresentadas e determinar aquela que foi mais convincente com base nas argumentações. Um debate, então, pode ser desenvolvido com os alunos posicionando-se individualmente ou divididos em três grupos: nesse caso, dois devem defender posições divergentes e o terceiro deve analisar as argumentações de cada lado e se posicionar sobre elas.

Faça sempre a mediação do debate para que os alunos não se exaltem e o clima se mantenha respeitoso e amigável. Também intervenha quando verificar que o debate precisa ser aprimorado ou direcionado, contemplando o objetivo da atividade.

Para ajudar os alunos, antes de começar o debate, sugira que sigam os procedimentos abaixo.

* **Estar atento ao tema**. Deve-se construir argumentos em relação ao tema debatido, focando o assunto em questão, evitando divagações que não contribuam para o desenvolvimento do tema proposto.
* **Selecionar dados, fatos e demais itens para construir a argumentação**. Dados apresentados em notícias e reportagens, opiniões de especialistas, fatos históricos, todos esses elementos podem ser utilizados para embasar a argumentação e não incorrer em “achismos”.
* **Ser sucinto e cordial**. Deve-se atentar para o momento de fala: não se estender muito, não interromper os demais participantes do debate, não elevar a voz para se destacar e se sobressair aos outros etc.
* **Levantar a mão para questionar um colega ou tomar a fala**. Deve-se sinalizar de alguma maneira que se deseja fazer uma pergunta ou tomar a fala, evitando interromper o outro; em caso de questão, antes de fazê-la ou de responder a ela, deve-se deixar que o participante termine sua fala.

A realização de debates contribui para que os alunos desenvolvam as **Competências Gerais da Educação Básica no 7**, **no 8** e **no 10**, das **Competências Específicas de Ciências Humanas no 1**, **no 4** e **no 6**, e da **Competência Específica de História no 3**.

Leitura e análise de notícia

Alguns dos temas abordados no conteúdo programático dos bimestres do 8o ano podem ser utilizados como ponto de partida para uma discussão sobre aspectos da vida contemporânea. Exemplos não faltam: a questão da abolição da escravidão no Brasil, a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e suas ideias, a ação imperialista, entre outros, são temas que podem suscitar comparações com a contemporaneidade.

Nesse sentido, a análise de notícias sobre acontecimentos contemporâneos que possam ser relacionados aos conteúdos estudados é uma maneira de trabalhar a relação passado-presente nos estudos de história.

Sempre que possível, proponha aos alunos que selecionem notícias impressas e as levem para discussão em sala de aula, lembrando-os de que na internet existem informações de fontes duvidosas, que precisam ser checadas antes de serem consideradas verossímeis; por isso, é importante orientá-los a visitar *sites* de grandes veículos de comunicação e instituições renomadas, públicas e privadas, para a seleção das notícias.

Antes de iniciar a análise, vale a pena explicitar em que consiste uma notícia: trata-se de um gênero textual jornalístico utilizado para relatar um fato atual, por essa razão é informativo, quase sempre sem autoria, e o texto é escrito em terceira pessoa, com poucos adjetivos e tom impessoal.

Para que possam efetuar a análise das notícias, proponha aos alunos a sugestão de roteiro a seguir.

* **Verificar a data de publicação**. As notícias informam sobre acontecimentos atuais relativos a uma comunidade.
* **Identificar o título e a linha-fina**. O título de uma notícia deve ser objetivo, e a linha-fina é o trecho que aparece depois do título e apresenta informações sobre a notícia. Geralmente, apenas por esses dois elementos, pode-se identificar o assunto principal da notícia.
* **Analisar o texto da notícia**. Se possível, elabore um resumo que responda a questões como: o que aconte­ceu, quando, onde e como. Além disso, anote o nome das pessoas ou instituições envolvidas no fato noticiado.
* **Verificar a adequação textual**. Uma notícia deve ter um texto objetivo e direto, sem adjetivos, pois o foco principal é informar um fato. Deve-se fazer a seguinte pergunta: o texto é, de fato, uma notícia?

Partindo da análise de uma notícia, os alunos podem relacioná-la com os conteúdos estudados e, inclusive, produzir textos opinativos depois da comparação entre o conteúdo histórico e a notícia selecionada. O trabalho com notícias permite que os alunos se familiarizem com esse gênero jornalístico e se acostumem a analisar e contextualizar o que leem na imprensa. Esse trabalho contribui para o desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 4**, **no 5**, **no 7** e **no 10**, das **Competências Específicas de Ciências Humanas no 2**, **no 5**, e **no 6**, e das **Competências Específicas de História no 1**, **no 3** e **no 7**.

Seminários

A **Competência Geral da Educação Básica no 4** determina que se deve “utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo”. Um dos elementos centrais no desenvolvimento de competências pelos alunos do ensino fundamental é a capacidade de se comunicar de forma autônoma, especialmente no que se refere às linguagens artística, matemática e científica. Assim, ajudá-los a desenvolver a habilidade de expressar oralmente essas linguagens deve ser um dos objetivos da escola. Em história, uma das maneiras de fazer isso é promover a apresentação de seminários sobre os conteúdos estudados. Sugerimos que recorra a esse expediente sempre que julgar haver essa possibilidade, levando em conta o desenvolvimento cognitivo da turma, o tempo e as condições materiais.

Para que os alunos realizem um seminário, é necessário separar a turma em grupos, que, então, precisam realizar uma pesquisa acerca de um tema, montar uma apresentação considerando o tempo disponível e expor oralmente o resultado da pesquisa, com a ajuda de recursos audiovisuais, se possível. Em um seminário, também se deve deixar reservado um tempo para a discussão final a partir das perguntas da plateia. O objetivo é aprofundar as questões levantadas ao longo da apresentação.

Para ajudá-los na organização de um seminário, apresente-lhes algumas sugestões de procedimento, como as que estão logo abaixo.

* **Formação dos grupos**. Esta etapa pode ser realizada pelos próprios alunos, ou por sorteio, ou determinada e/ou coordenada por você.
* **Escolha dos temas**. Esta etapa pode ser feita por sorteio, ou por acordo entre os grupos, conforme o interesse pelos diferentes assuntos disponíveis para a realização do seminário.
* **Agendamento das reuniões entre os membros do grupo**. Pode-se levar em consideração a proximidade das residências dos alunos no momento da divisão dos grupos, para que facilite reuniões fora da escola. Também se pode sugerir o uso de locais da própria escola, como pátios e salas vagas.
* **Pesquisa do tema escolhido pelo grupo**. Deve-se fazer o levantamento de fontes com informações confiáveis, utilizando a internet e livros disponíveis na biblioteca, por exemplo.
* **Elaboração da apresentação**. Definir e estruturar cada etapa: introdução; objetivos do trabalho; exposição dos fatos, dados e argumentos; conclusão; e indicação das fontes utilizadas na pesquisa.
* **Divisão das partes do roteiro entre os membros do grupo**. Deve-se determinar também o tempo de apresentação de cada integrante, a fim de que todos participem da exposição.
* **Verificação dos equipamentos necessários para a apresentação**. Deve-se checar se todo o material produzido para a apresentação pelo grupo está correto e, depois disso, informar ao responsável a necessidade de uso de equipamentos eletrônicos, por exemplo.

Realizadas essas etapas, o grupo estará pronto para a apresentação do seminário no dia e hora agendados. Essa é apenas uma proposta de roteiro. Pode ser modificada e/ou reestruturada conforme as condições e necessidades de sua escola. O importante é que os alunos possam exercitar a exposição oral como forma de se preparar para essa situação em outras ocasiões da vida acadêmica e profissional. Além disso, a exposição de argumentos, o trabalho em grupo e o de pesquisa contribuem para o desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 2**, **no 5**, **no 7** e **no 10**, da **Competência Específica de Ciências Humanas no 6**, e da **Competência Específica de História no 3**.

Sugestões para a gestão das aulas em todos os bimestres

A construção do papel dos jovens como estudantes ocorre ao longo de todo o ensino fundamental. É nessa etapa que se adquire o repertório conceitual básico dos diferentes componentes curriculares e se desenvolvem condutas favoráveis ao aprendizado. É ainda nessa fase de escolarização que as relações de troca intelectual com os colegas e professores intensificam-se e se tornam mais frequentes, promovendo o desenvolvimento das capacidades de negociação, cooperação e diálogo.

Justamente pela natureza formativa do ensino fundamental, o papel do professor como mediador do processo de aprendizagem é muito relevante. É o educador quem facilita para os estudantes o acesso à informação e o desenvolvimento de habilidades e competências e da capacidade de organização para o estudo, além de coordenar os trabalhos realizados em sala de aula e intermediar conflitos.

Por essas razões, a organização e a gestão das aulas precisam ser bem administradas para que o tempo seja aproveitado ao máximo e os objetivos do processo de ensino e aprendizagem sejam atingidos. Cabe ao professor conduzir de forma democrática e inclusiva a gestão da sala de aula, considerada de forma ampla, não apenas como o espaço físico onde ocorrem os encontros com os alunos, mas como a relação cotidiana construída ao longo do processo educativo.

Gestão pedagógica das aulas

O tempo de aprendizagem é um todo que envolve o contato em sala de aula. Assim, deve-se pensar naquilo que cerca a vida cotidiana dos alunos e pode ser mobilizado e relacionado aos conteúdos aprendidos ao longo dos bimestres. Esse processo é muito dinâmico, e os alunos precisam ser orientados a se manter informados, a trazer para a sala de aula os aspectos que consideram importante discutir, assim como ouvir e respeitar o que os colegas trouxerem para a discussão.

Quanto ao trabalho no espaço físico da sala, é importante que se procure estruturar as aulas de forma a abordar o conteúdo e a proposta pedagógica de trabalho levando em consideração todos os aspectos que envolvem as relações interpessoais, tanto entre o professor e os alunos quanto entre estes apenas. Assim, é necessário que se considere que os alunos possuem características, demandas, preocupações e anseios distintos. É preciso pensar essa diversidade como um elemento agregador, e não como um problema ou empecilho ao processo de ensino-aprendizagem. Ao contrário, pode contribuir para que os alunos desenvolvam as **Competências Gerais da Educação Básica no 8** e **no 9**.

A própria existência dessa diversidade pode ser usada como um aspecto de aprendizagem, já que demonstra processos históricos intrincados e justapostos no próprio espaço da sala de aula. O respeito a essa diversidade e a essas diferenças, bem como o convívio entre elas, pode servir de ponto de partida para todo o planejamento das aulas.

Assim, as aulas expositivas podem ser substituídas por dinâmicas que envolvam ativamente os alunos, não só como participantes, mas como protagonistas do processo. Nesse sentido, o que se deve buscar é o desenvolvimento e o foco nas competências, conforme sugere a BNCC:

“No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a apreender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades”.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Consed; UNDIME, 2017.

p. 14. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Assim, de acordo com a BNCC, com o aprendizado focado nas competências, o professor continua tendo um papel fundamental de organizador, líder e facilitador da relação entre o educando e o conhecimento, mas as dinâmicas das aulas precisam focar o aluno para que ele se desenvolva estrategicamente em meio às novas demandas do mundo contemporâneo. Por isso, as sugestões de atividades recorrentes, por exemplo, apresentam algumas propostas que envolvem, efetivamente, não apenas a participação, mas principalmente o protagonismo dos alunos nas tarefas. Utilize essas e outras técnicas que julgar interessantes para tornar o processo pedagógico significativo para os alunos. Evitar que a passividade seja uma característica presente em sala de aula é necessário, pois geralmente vem acompanhada de aprendizado não satisfatório e de baixa capacidade de mobilização das habilidades e competências essenciais para a futura vida escolar e profissional. O aluno protagonista, envolvido com o próprio aprendizado, geralmente alcança resultados bem significativos: passa a ser mais responsável e sujeito do próprio interesse, bem como mais focado e mobilizado para as questões que envolvem sua vida e a dos que o cercam; consegue mobilizar o que aprende para as situações práticas e cotidianas; torna-se mais participativo e envolvido, valorizando a si mesmo e aos outros e se integrando como sujeito autônomo e ativo.

Organização das aulas

Sabe-se que, nos anos finais do ensino fundamental, os alunos devem se organizar para atender a demandas de vários componentes curriculares e que essa tarefa nem sempre é simples para eles. É importante ter isso em mente no momento de organizar o tempo em sala de aula, bem como − e principalmente − o das tarefas extras que envolvam atividades para serem realizadas em casa, individualmente ou em grupo.

Procure programar o tempo de sala de aula para a apreensão de conceitos, por um lado, e para a aplicabilidade deles no entendimento do processo histórico e da vida contemporânea, por outro. Dessa forma, uma parte das aulas pode ser reservada para uma discussão conceitual, partindo-se dos conhecimentos prévios dos alunos ou da mobilização de leituras, vídeos, filmes, músicas e obras de arte analisados previamente, a fim de despertar neles o interesse na temática a ser tratada. Como nesse momento há necessidade de mediação, o trabalho deve se desenvolver em sala de aula.

Após a discussão e compreensão dos conceitos, é preciso verificar sua aplicação na compreensão da realidade, histórica ou contemporânea, mobilizando os alunos para atividades diversas em sala de aula e fora dela. É importante saber selecioná-las e, ao trabalhar com elas, relacioná-las aos objetivos visados: para desenvolver nos alunos a capacidade de colaboração e de racionalização do uso do tempo e da distribuição de tarefas, sugira um trabalho em grupo; para aferir a compreensão de cada aluno, realize atividades individuais.

Além disso, pode-se programar aulas para sessões de debates e/ou de apresentações orais. Para tanto, defina com a turma os temas a serem abordados. Pode-se, por exemplo, tratar de aspectos relacionados à luta de indígenas, negros e mulheres pela garantia de seus direitos, desenvolvendo as **Competências Gerais da Educação Básica no 9** e **no 10** e as **Competências Específicas de Ciências** **Humanas no 1**, **no 2** e **no 6**.

No que diz respeito às apresentações orais (apresentação de trabalhos em sala, seminários, entre outros), é necessário levar em consideração as necessidades dos alunos para o preparo e a organização fora de sala de aula, discutindo previamente o tempo disponível, haja vista as demandas dos outros componentes curriculares.

Aulas destinadas a avaliações podem ser precedidas por aulas de revisão em que se atribua aos alunos o protagonismo. Uma sugestão é dividi-los em grupos com antecedência e determinar que cada grupo se aprofunde em um dos temas da avaliação; na aula de revisão, promove-se, então, um rodízio de alunos, misturando-os para que, em novos grupos, discutam os temas aprofundados, de modo que em cada novo grupo haja um membro que se dedicou mais a um dos temas. Dessa forma, desenvolve-se neles o senso de responsabilidade e a cooperação e a empatia durante o trabalho coletivo, atitudes que se relacionam com as **Competências Gerais da** **Educação Básica no 7**, **no 9** e **no 10**.

Gestão do espaço das aulas

Nos anos finais do ensino fundamental, com distintos professores e vários componentes curriculares, a sala de aula passa a ser partilhada por muitas pessoas. É necessário, por consequência, que se construa esse espaço de maneira coletiva, a fim de atender às necessidades de todos.

Durante as aulas, pode-se dispor de diferentes organizações do espaço, a depender da proposta de trabalho que se pretende realizar. A tradicional disposição das carteiras, enfileiradas e com os alunos sentados olhando para a frente, é apenas uma das maneiras possíveis de utilizar o espaço da sala.

Um debate ou uma aula expositiva dialogada pode ser feita com outra organização do espaço. A disposição das cadeiras em círculo ou em U funciona muito bem para esse tipo de proposta: possibilita ao professor que se coloque junto dos alunos, em uma mesma condição, tornando o ambiente mais democrático. Além disso, permite que todos se vejam enquanto estão falando ou ouvindo. Com isso, a interação se torna mais intensa, e, naturalmente, o processo de aprendizagem pode ser mais significativo nessas circunstâncias.

Em outras circunstâncias, como tarefas em grupo, por exemplo, pode-se organizar a classe em blocos, juntando as carteiras dos alunos e formando os grupos (claramente identificados), para facilitar o trabalho deles.

No momento de uma atividade individual, quando manter o foco é importante e a dispersão em diálogos paralelos com outros colegas pode atrapalhar o cumprimento da tarefa, a disposição em fileiras pode ser utilizada de forma a ampliar a possibilidade de concentração.

Não se esqueça, também, de que a sala de aula é um espaço onde a produção dos alunos deve fazer parte do ambiente. Esse elemento faz com que sintam que o espaço lhes pertence e é construído a partir das suas necessidades e interesses. Por isso, a sala de aula deve ser um lugar em que alunos e professores partilhem saberes, se envolvam em tarefas instigantes e mantenham um relacionamento saudável e de confiança. A dimensão socioemocional, nesse caso, não pode ser ignorada. A sala de aula precisa ser acolhedora e inclusiva, representar um espaço onde os diferentes sujeitos se sintam acolhidos para poder participar de forma significativa das atividades, expressando seus aprendizados e suas dificuldades livremente, e assim contribuir para o desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 8 e no 10**.

Gestão do espaço de sala para a aplicação de testes e provas

Um dos momentos mais tensos da relação dos alunos com a aprendizagem é o da avaliação por meio de testes ou provas. Sabemos que avaliar o aprendizado é um processo constante e contínuo, mas isso se faz, em geral, sem o conhecimento direto dos alunos. Entretanto, a consciência de que estão sendo avaliados provoca tensão, já que muitas vezes a insegurança e o receio do processo são mais difíceis de ser absorvidos por eles que o conhecimento em si. Por isso, é fundamental conduzir esse momento de forma a torná-lo o mais tranquilo possível, sem abrir mão do rigor necessário do processo avaliativo. Isso porque eles enfrentarão, na vida acadêmica e profissional, outros momentos de avaliação, em provas escritas, apresentações orais, trabalhos em grupo etc. Assim sendo, é importante que sejam preparados para tais situações vivenciando-as na escola, conforme suas possibilidades e de acordo com a faixa etária.

Sugerimos, então, que sejam utilizadas estratégias que envolvam os alunos na avaliação, mas sem transformá-la em algo que os iniba. Deve-se criar condições para que demonstrem as suas potencialidades. No caso da avaliação escrita individual, é importante orientá-los sobre a estrutura da avaliação e, anteriormente, dar-lhes, nas aulas e em tarefas de casa, atividades similares àquelas que serão exigidas na prova ou no teste. Na realidade, provas e testes devem ser constituídos a partir das atividades realizadas ao longo do período em avaliação e não o contrário. Caso a avaliação tenha questões discursivas e objetivas, é importante que ambos os tipos tenham sido apresentados aos alunos ao longo das aulas, de modo que tenham compreendido a dinâmica e a forma de resolução desses tipos de questão. Se tudo isso for feito, no momento da avaliação os alunos se sentirão confiantes e preparados, pois não estarão diante de nenhuma novidade, e sim realizando uma tarefa para a qual vinham sendo preparados durante as aulas.

Por fim, ajude-os a se concentrar na própria avaliação. Para tanto, se possível, peça que todo o material seja guardado nas mochilas, exceto o necessário para realizar a prova. Além disso, organize o espaço da sala de aula dispondo as carteiras de modo que facilite a atenção na tarefa. Essas medidas contribuem bastante para o sucesso dos alunos, já que a concentração e o foco são necessários para alcançar os objetivos da avaliação.

Caso opte, em algum momento, por avaliação em dupla, é importante que as duplas sejam dispostas na sala de aula com a mesma preocupação, isto é, a garantia do foco e da organização. Pode-se colocar os alunos lado a lado, ou de frente um para o outro, dependendo do espaço disponível e da tarefa a ser executada. Se a tarefa for escrita, é melhor a primeira opção, já que ambos os alunos podem interferir no texto de maneira mais sistemática. Também é importante orientá-los quanto à comunicação, que deve ser mantida estritamente com o colega de dupla.

Para avaliação em grupo, uma sugestão é organizar os alunos em círculos ou retângulos, com os membros de cada grupo voltados para o espaço interno formado pelo círculo ou pelo retângulo. Isso se faz necessário para facilitar a comunicação entre os integrantes e evitar que os grupos interfiram no trabalho uns dos outros.

Por fim, um aspecto decisivo dos processos avaliativos é a devolução das tarefas aos alunos, com comentários individuais se possível, inclusive para os que tiveram bom desempenho. Requerem atenção especial e cuidado aqueles que não tiveram desempenho satisfatório. É crucial mostrar tanto os caminhos pelos quais esses alunos possam melhorar quanto aquilo em que eles conseguiram evolução, mesmo que insuficiente. Mantê-los motivados é importante no momento de retorno de uma avaliação e para produções futuras. Além disso, ao ajudá-los a desenvolver o autoconhecimento e a autocrítica, contribui-se para que desenvolvam a **Competência Geral da Educação Básica no 8**.

Acompanhamento constante da aprendizagem

O acompanhamento da aprendizagem dos alunos é um dos aspectos decisivos do trabalho do professor. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar o fato de que a avaliação do processo de aprendizagem não pode ser feita de forma descontínua, ou apenas no encerramento de um bimestre. Deve ser acompanhada de forma constante, no dia a dia, com a intenção de intervir sempre que houver necessidade. Em geral, não existem turmas homogêneas, nas quais todos os alunos aprendam no mesmo ritmo e nas mesmas condições. A realidade que o professor encontra em suas turmas é de um mosaico de situações e de ritmos de aprendizagem diferentes. Diante desse desafio, é preciso atentar a alguns aspectos essenciais para que a aprendizagem dos alunos seja significativa.

Segundo a BNCC, a absorção do conhecimento histórico ocorre por meio de *processos*, os quais conduzem à condição de *atitude historiadora*, que é:

“[...] uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. Enfim, trata-se de transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive”.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017.

p. 399. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 8 set. 2018.

No documento é proposta uma série de processos de aprendizagem, do simples ao complexo, para atingir esses objetivos. Dessa forma, os alunos que estarão concluindo o ensino fundamental precisarão ser capazes de *identificar* questões e objetos de estudo, *contextualizar* processos históricos, *comparar* situações históricas, *interpretar* os significados desses processos e, por fim, *analisar* esses processos para conseguir problematizá-los. Essas etapas, fundamentais para a formação de um sujeito autônomo, capaz de pensar por si e perceber e analisar relações, processos, contextos e visões de mundo distintas, devem ser contempladas ao final do ensino fundamental.

Por essa razão, o acompanhamento do processo de aprendizagem precisa ser constante. O professor pode aplicar, por exemplo, atividades de sistematização do conteúdo para aferir se os alunos compreenderam os principais pontos do conteúdo estudado. Em seguida, pode propor atividades de aprofundamento para verificar se conseguem aplicar os conteúdos apreendidos em situações mais complexas de análise.

As Sequências Didáticas sugeridas neste Material Digital apresentam diferentes opções de avaliação dos conteúdos, ampliando o leque do professor para acompanhar a evolução dos alunos. Este material contém, ainda, sugestões de avaliação do conteúdo do bimestre, com detalhamento das habilidades avaliadas, orientações para interpretação das respostas e acompanhamento da aprendizagem dos alunos. Por meio desses recursos, o professor pode verificar se os alunos conseguem identificar, comparar, contextualizar, interpretar e analisar os processos históricos de forma coerente e sistemática.

É provável que alguns alunos tenham mais dificuldades em acompanhar a turma e precisem de mais ajuda. Nesse caso, o professor deve utilizar diferentes estratégias pedagógicas. Por exemplo, se, com a aula expositiva dialogada, os alunos não atingiram os objetivos, ofereça outras oportunidades de aprendizado, como um trabalho de pesquisa e redação. Para oferecer maior repertório aos que já superaram as primeiras etapas, podem-se propor, por exemplo, trabalhos que envolvam a análise e a interpretação de fontes primárias sobre determinado tema da história.

Na parte referente a cada bimestre do ano letivo, você encontrará um quadro com os requisitos mínimos a ser atingidos pelos alunos para que possam dar continuidade aos seus estudos.

Bibliografia

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999.

CERRI, Luis Fernando (Org.). *Ensino de história e educação*: olhares em convergência. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

COLL, Cesar; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Barnabé; VALLS, Enric. *Os conteúdos na reforma*: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 1988.

CORTELLA, Mario Sérgio. *Educação, escola e docência*: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

MARTINEZ-MUT, Bernardo; GARFELLA, Pedro. A construção humana através da aprendizagem significativa: David Ausubel. In: MINGUET, Pilar A. (Org.). *A construção do conhecimento na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PACHECO, José. *Aprender em comunidade*. São Paulo: Edições SM, 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Escola da Ponte*: formação e transformação da educação. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAULA, Flávia A. *Lições, deveres, tarefas, para casa*:velhas e novas prescrições para professoras. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253414/1/Paula_FlaviaAnastaciode_M.pdf>>.   
Acesso em: 22 ago. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PINSKY, Jaime. *O ensino de história e a criação do fato*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, Mario Sérgio. *A difusão das ideias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.